

CIRCUNSTÂNCIAS E ÁGUAS QUE ERGUEM CONFRONTOS: SEM RESPONSABILIZAÇÃO, SOTERRAR-SE SONHOS

CIRCUMSTANCE AND WATERS IN CONFRONTATION: WITHOUT ACCOUNTABILITY, BURYING DREAMS

Marcelo Calderari Miguel¹

1 Nova estância, pousada fazenda

A pousada fazenda silenciada...

Irrecuperável e tétrica ficou.

E numa tarde foi, partira num ‘edaz’ lamaçal.

E com a bruma não mais pôde encontrar.

Circunvalada em suas ruínas, um mar de rejeitos atravanca seus contornos domínios.

Santo campo de homens e bichos, de brava gente.

Uma estância se cala arrebatada numa lacuna ferida, fatal.

Divisor de famílias e de pulsações que tiveram um trágico remate.

Houve fremir e bramir de vozes que ansiaram um vindouro alcançar.

Partiram-se... Numa tarde insegura, numa sexta-feira última de janeiro.

A bruma só pode cobrir e vestir algumas árvores, a nova estância não mais há.

Que suasório silenciar o desta pousada fazenda, consubstanciado aos rejeitos.

Quando se bosqueja uma tragédia tudo mais é ‘estâncial sofrência’!

Que algum dia o tênue véu da serrana bruma suavizará possa tal apaziguamento.

¹ Mestre em Ciência da Informação pela UFES. E-mail: marcelocalderari@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

2 Na cestaria da noite, brechas perdem vidas

Entre abismos e almas a vida relincha numa santa estrebaria de uma povoação.
Despenhadeiro, assombração e rinchas num campo de uma estreita colheita.
Dentre a crina e a sutil ferradura, uma trincheira de feroz tormento se abre.
Roga graúdo, quer comer e beber.
Irromper um cavalo magoado.
Diante o terror das sutilezas.
Ora perdido, ora mais alado.
Vento e as patas engradam.
Devora os campos de feno.
O macho de cavalo galopa.
No adágio das trovas pisa.
Quiçá o blecaute anuncia.



3 Na caravana do contorcer

Num caminho qualquer, eis a obscura bagagem: depressão sou eu, artística dissonância.
Olhando no espelho, ilusões fatigantes me transbordam... Crua e duramente.
Quanta pusilanimidade e ciladas. A incrível tocaia, deus-nos-acuda!
Rumo ao atravancamento, na contramão as lacunas.

Tecendo a mortalha, vejo na agrura no antiutópico reduto.
Tricotando o contravento faço a derradeira ‘arriação’ da bandeira vital.
Trago em meu percurso a intensa clausura e pirações.
Um pesadelo mórbido, insolúvel e insosso.

Eis o passamento, um fado espanto acena tormento!
Mas que decadência! Insana hora... Ousa atravancar meu infausto descompasso.
Há todo momento contratempo, fronteiras, entrave, barreiras e obstruções.

Contrariedade ou desventura? Mil palavras, miragens e infortúnios...
No desaguar de atordoadas lágrimas, uma corja defronte à cova desmascarar.
No desencantar de mundo trago um turbilhão de abrolhos.

4 Ímpar e destinais experiência

Mergulhei!

Um mergulho cruel.

No calabouço caí.

Mergulhei! Encoberto por sombrias nuvens.

Num mundo de magia, escuridão, trevas.

Nunca um mar de rosas caí.

Entrei em um deserto.

Ali escrevi com tinta de sangue.

Escrevi palavras que o destino não suporta.

Na areia movediça afundei... Lama e mais lama, obstáculos não ateou.

Sem responsabilização de culpados, o lamaceiro segue contínuo curso de lágrimas.

Entre espinhos pereci, sugado em um subpoço do Córrego do Feijão.

5 Da clemência a redenção

Bem que podia, as coisas de minha vida caminhar.

Um vivo horizonte necessito buscar, cenas novas ver insurgir.

Passam-se anos e mais anos, a outrora ilusão me consome assiduamente.

Diante tantos emblemas torno-me mero fantoche, manequim e arlequim.

Meus sonhos têm milhões de intenções, devaneio ou não, estaleiraram-se.

Pouco riso, poucos brios; tenho um repertório de fantasias a sonhar.

Mas cabe ressaltar, que meus tontos e tortos sonhos não sabem que direção tomar.

Embarquei em vivos e corrosivos microorganismos e o networking eu não adquiri.

Não permiti avanços, não deslanchei sonhos, minha vida de bandeja entreguei...

A minha história arrego a culpa de uma sorte ruim. Percebo o maltrato que me fiz.

Recebido em 17 de janeiro de 2022

Aceito em 05 de setembro de 2022